

# O Marquês de Caxias e a reorganização do Exército no Paraguai: o renascimento da Tríplice Aliança

João Rafael Mallorca Natal <sup>a</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa tem como objetivo analisar em que medida a reorganização das forças do Exército Brasileiro, na campanha em território paraguaio, durante os anos de 1866 e 1867, impactou na continuação da campanha da Tríplice Aliança contra o Paraguai. Inicialmente, será contextualizada a situação política e militar da guerra até a derrota dos aliados diante da Fortaleza de Curupaiti. A seguir, serão tecidas considerações acerca da crise política causada por esta derrota, que levou, na prática, à retirada de Bartolomé Mitre do cargo de comandante-em-chefe das forças militares da Tríplice Aliança. A nomeação de Luís Alves de Lima e Silva, Marquês de Caxias, como novo Comandante-em-Chefe será tratada com especial atenção, assim como as suas medidas de reorganização das forças no terreno. Essa reorganização, realizada pelo próprio Caxias, foi apelidada de “afiação da espada”. No âmbito dessa reorganização, medidas relacionadas com os cuidados de higiene da tropa, como hospitalização, implantação de ambulâncias, e melhorias na alimentação e no abastecimento de água. Foram tomadas, ainda, medidas de cuidado na área de vestuário e na higiene dos acampamentos. Medidas disciplinares também foram tomadas, pois o moral das tropas ficou seriamente abalado após a derrota em Curupaiti. Para aumentar o efetivo no teatro de operações, Caxias instruiu o Marquês de Herval, General Osorio, a organizar, no Rio Grande do Sul, o 3º Corpo de Exército. Além disso, foram adquiridos cavalos e forragem para os animais de mercadores argentinos, já que a cavalaria estava praticamente “a pé”, e a vegetação local não era adequada como forragem para os animais. Por fim, a análise será realizada para inferir o grau de impacto das referidas medidas de saneamento no apoio à missão das forças da Tríplice Aliança, especialmente quando da retomada a ofensiva contra as forças de Solano López.

**Palavras-chave:** Marquês de Caxias. Reorganização do Exército. Guerra do Paraguai.

---

<sup>a</sup> Coronel de Infantaria da Aeronáutica, mestre em Ciência Política e Relações Internacionais. Associado Titular Emérito do IGHMB.

## INTRODUÇÃO

“Afinal, a guerra do Paraguai é comparável à do Vietnã; as dificuldades logísticas, a participação da população e até ações típicas de guerrilha. O notável é que vencemos”.

A citação acima, escrita pelo vice-almirante Armando de Senna Bittencourt, ex-Diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha do Brasil, resume as principais questões, para o Brasil, da Guerra do Paraguai ou Guerra da Tríplice Aliança, o maior conflito armado em número de mortes, na América do Sul. Este conflito envolveu, por um lado, Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, no período entre dezembro de 1864 e março de 1870.

A origem imediata desta guerra pode ser extraída da intervenção do Império Brasileiro na região do Rio da Prata, especialmente no Uruguai, em apoio ao Partido Colorado, simpático ao Brasil, contra os Blancos, que

viam o Império como um ameaça à soberania do seu país.

A intervenção brasileira no Uruguai, para apoiar os Colorados de Venâncio Flores, teve dois objetivos: um deles era evitar que as duas margens do Rio da Prata fossem ocupadas pelos governos atual ou potencialmente hostis ao Brasil, o que poderia dificultar ou mesmo impedir o acesso ao interior do país. A Província de Mato Grosso, naquela época, só podia ser acessada pelas águas dos rios Paraná e Paraguai. Assim, a intervenção do Império provocou a queda do partido governista Blanco, que se alinhou ao Paraguai, cujo presidente, Carlos López, e seu filho, Francisco Solano López, colocavam obstáculos para dificultar a navegação brasileira pela bacia do Prata.

Apesar do acordo assinado em 1856, as autoridades paraguaias continuavam a dificultar, através de regulamentos, a passagem de navios brasileiros com destino a Mato Grosso. Carlos López foi



dominado pela ideia de que, com a navegação livre, o Império fortaleceria militarmente essa província e ameaçaria o seu país.<sup>1</sup>

O outro objetivo era apoiar os pecuaristas do Rio Grande do Sul, que possuíam terras nos dois lados da fronteira do Uruguai com a província do Rio Grande do Sul. O governo Blanco queria arrecadar impostos sobre os animais desses pecuaristas “gaúchos” que cruzassem a fronteira, o que encareceria a carne gaúcha, e, dessa forma, deixava de atender aos interesses dos pecuaristas brasileiros<sup>2</sup>.

A intervenção brasileira no Uruguai foi tomada por Solano López como um ato de guerra. Em 11 de novembro de 1864, foi capturado o navio a vapor brasileiro *Marquês de Olinda*, que subia o rio Paraguai, em direção ao Mato Grosso. Também em dezembro, os paraguaios invadem a Província de Mato Grosso, tomando o Forte de Coimbra e a Colônia Militar de Dourados, chegando depois a Corumbá. Em

maio de 1865, devido à invasão de Corrientes, na Argentina, pelos paraguaios, foi assinado em Buenos Aires o Tratado da Tríplice Aliança, no qual Brasil, Argentina e Uruguai uniam-se para lutar contra Solano López.

A primeira fase da guerra continuou com a malsucedida invasão paraguaia do Rio Grande do Sul e terminou com a rendição da força invasora paraguaia em Uruguaiana. A seguir, os paraguaios recuaram em direção a Corrientes. Finalmente, em 16 de abril de 1866, as forças da Tríplice Aliança cruzaram o rio Paraná e desembarcaram em território paraguaio. A partir desse momento, a iniciativa das ações coube quase sempre aos aliados, deixando o Paraguai numa postura estratégica eminentemente defensiva.

No período de setembro de 1866 a julho de 1867, porém, as forças da Tríplice Aliança, embora, em tese, possuíssem a iniciativa e já estivessem dentro do território paraguaio, não adotaram a estratégia ofensiva nas



suas operações. Essa situação de quase inatividade deveu-se, sobretudo, ao “trauma” causado nas forças aliadas, pela derrota na batalha de Curupaiti, e à necessidade, como demonstrou Caxias, quando da sua chegada ao Teatro de Operações (TO), no Paraguai, de reorganizar o Exército Brasileiro em operações, cujas condições eram deploráveis, em relação à saúde, alimentação, vestuário, transporte e equipamentos das tropas.

O objetivo deste estudo, portanto, é analisar em que medida a reorganização das forças do Exército Brasileiro nas operações em território paraguaio, durante os anos de 1866 e 1867, impactaram na continuação da campanha da Tríplice Aliança contra o Paraguai.

## **O DESASTRE DE CURUPAITI**

Após o desembarque aliado em território paraguaio, era necessária a conquista da posição fortificada de Curupaiti, impor-

tante bastião defensivo paraguaio. Para tanto, o comandante-em-chefe general Mitre, da Argentina, juntamente com o presidente uruguaio Venâncio Flores, e o general Polidoro, comandante do 1º Corpo do Brasil, reuniram-se e desenvolveram um plano de operações. Pelo plano, a captura de Curupaiti seria pré-requisito para a realização de outras operações<sup>3</sup>.

De acordo com o plano, o 2º Corpo brasileiro, sob o comando do general Porto Alegre, em conjunto com a Marinha do Brasil, na época comandada pelo almirante Tamandaré, executariam o ataque, com a cavalaria aliada, liderada por Flores, fazendo o ataque pelo centro, para assim envolver as posições paraguaias. O 1º Corpo brasileiro de Polidoro permaneceria na reserva, enquanto Mitre, com nove mil soldados argentinos e doze canhões, se deslocaria para Curuzú.

Em 22 de setembro de 1866, Mitre ordenou o ataque a Curupaiti. Após duas horas de bombardeio da posição pela Marinha



do Brasil, os vinte mil soldados aliados iniciam sua progressão em direção ao objetivo. Depois de várias horas, os soldados aliados bateram em retirada, forçando Mitre a usar suas reservas para retomar o ataque. Apesar da bravura dos soldados aliados, o ataque falhou. Cita Doratioto,

Mitre ordenou o ataque sob o alcance dos canhões inimigos e teve que trocar de cavalo devido a um ferimento causado por estilhaços no primeiro animal [...] Em Curupaiti é impressionante – e isso foi destacado pelos espectadores paraguaios do combate – o sangue frio dos soldados aliados que, durante horas, marcharam para preencher o claro de seus companheiros caídos, cômicos de que muito provavelmente também eles morreriam.<sup>4</sup>

O ataque a Curupaiti resultou em uma derrota trágica para os Aliados, com 4.000 soldados brasileiros mortos, e talvez o mesmo número de soldados argentinos e uruguaios. Os paraguaios tiveram apenas 54 mor-

tos. Esta derrota repercutiu entre os países aliados, explicitando a discórdia que existia entre os diferentes comandantes da campanha, especialmente entre o almirante Tamandaré e o general Porto Alegre, por um lado, que não gostavam de Mitre, e pelos generais Polidoro e Venâncio Flores, que apoiavam o comandante-em-chefe, General Mitre.

Mitre escreveu a Rufino de Elizalde que não contava mais com a Esquadra Imperial para nada e que ela viria a reboque dos acontecimentos. A relação entre Tamandaré e o comandante-em-chefe argentino foi irremediavelmente abalada, colocando em risco a própria condução da guerra. Mitre afirmou que “não posso, não quero, nem devo entender-me com o almirante Tamandaré, que considero inadequado em todos os aspectos ao posto que ocupa e inimigo da aliança por motivos pessoais, para cujo sentimento arrasta seu primo Porto Alegre”<sup>5</sup>.

Devido à consternação causada no Brasil com a continuação



da guerra, amplamente explorada pela imprensa, o descontentamento popular com a guerra aumentou. Tornou-se mais difícil o alistamento voluntário; como disse o embaixador de Portugal no Brasil, “ninguém quer ser soldado”<sup>6</sup>.

O governo imperial viu, como solução para acabar com as divergências existentes e unificar o comando das forças brasileiras, nomear o nome de maior prestígio do Exército Brasileiro para o cargo de comandante-em-chefe das Forças Brasileiras no Paraguai: marechal Luís Alves Lima e Silva, o Marquês de Caxias<sup>7</sup>.

## **CAXIAS: O NOVO COMANDANTE BRASILEIRO**

O marechal de Exército Luís Alves de Lima e Silva, então Marquês de Caxias, era o mais prestigiado dos soldados do Exército Brasileiro. Senador do Império pelo Partido Conservador, recebeu o apelido de “o Pacificador”, por seu papel na repressão de

diversas revoltas no Brasil, especialmente aquelas iniciadas no Período Regencial, como a Cabanagem, a Revolução Farroupilha, e ainda, as Revoluções Liberais. Participou também da Guerra da Cisplatina (1825-1828), e das campanhas contra Oribe e Rosas, entre 1851 e 1852. Tamanha era a admiração que os brasileiros tinham por Caxias, que Dionísio Cerqueira, jovem oficial durante a Guerra do Paraguai, escreveu,

Para nós, soldados do seu exército, o Marquês de Caxias não era um homem como os outros. Tamanho prestígio o envolvia que ninguém podia vê-lo senão através de um halo de glória. Quem que não acreditava em sua onipotência? Ao passar com seu uniforme de Marechal de Exército, em posição ereta e elegante, independentemente da idade, todos parecíamos reverentes e cheios de fé. Não foi apenas o respeito devido à sua alta posição; havia uma veneração religiosa e admiração sem limites. Ele poderia transformar seus soldados em quem ele quisesse - de herói a mártir<sup>8</sup>.



Para acabar com a discórdia entre lideranças brasileiras e aliadas, bem como unificar o comando das forças imperiais, o governo brasileiro emitiu o Decreto de 10 de outubro de 1866, nomeando Caxias para o cargo de comandante-em-chefe das Forças Brasileiras no Paraguai<sup>9</sup>. Essa designação foi possível graças ao chefe do Governo do Brasil, Zacarias de Góes e Vasconcelos, que, apesar de pertencer ao Partido Liberal, decidiu que as necessidades do esforço de guerra estavam acima das considerações partidárias. Deve-se levar em conta que esse comando colocou sob as ordens de Caxias não apenas as tropas do Exército Imperial, mas também a Marinha do Brasil no Paraguai, cujo comandante, subordinado a Caxias, deixaria de ser Tamandaré, para ser exercido pelo almirante Joaquim José Ignácio, Marquês de Inhaúma.

Uma situação difícil aguardava Caxias no Paraguai. As forças aliadas, em geral, após a ca-

tástrofe de Curupaiti, encontravam-se desorganizadas e desmoralizadas. Segundo Forjaz, a imagem que havia, do Exército Brasileiro era “obscura”.

O Exército estagnou depois de Curupaiti. A ociosidade levou ao vício e ao relaxamento. As tropas não se moveram: refizeram os seus passos. Prevaleciam o comércio e a prostituição, explorando o dinheiro dos soldados nas horas vagas. Havia tanta falta de peças de uniforme que muitos andavam descalços e seminus. A higiene mal existia. Não havia água tratada. A saúde das tropas era tão precária que os aliados perderam mais de um terço das suas vítimas devido à doença. A cólera dizimou mais do que os projéteis do adversário, e cerca de um terço do pessoal está doente. A cavalaria foi desmantelada. Os cavalos restantes sobreviveram em pastagens pobres em nutrientes. Eles mal tinham feno. O armamento era deficiente e ruim. Isso foi o suficiente para desativar a haste do rifle Minié e deixá-lo morto<sup>10</sup>.



## OS PRIMEIROS PASSOS E A CRIAÇÃO DO 3º CORPO

Caxias chegou ao acampamento brasileiro em Tuiuti em 18 de novembro de 1866, e no dia seguinte assumiu o cargo de Comandante-em-Chefe das forças brasileiras. Dedicou-se imediatamente à tarefa de “afiar a espada”, ou seja, à reorganização do Exército Brasileiro nas operações, a fim de preparar-se adequadamente para a retomada da ofensiva contra Solano López. Um de seus primeiros passos, ainda no deslocamento do Rio de Janeiro para Tuiuti, foi começar a resolver os graves problemas de saúde, responsáveis por desfilar as tropas em aproximadamente um terço do efetivo, incluindo as baixas de combate e doenças. “Só com a chegada de Caxias foram tomados cuidados sérios com internação, ambulância, vestimentas adequadas, higiene alimentar e limpeza no campo”<sup>11</sup>.

Ele encontrou o Serviço de Saúde do Exército com onze hos-

pitais, dois no Uruguai, dois em Buenos Aires, três em Corrientes, um em Cerrito, um em Itapiru, um em Paso de la Patria e um Tuiuti. Caxias fica impressionado com a quantidade de enfermos e nomeia uma Comissão de Saúde para inspecionar os internados<sup>12</sup>.

O trabalho da Comissão de Saúde foi de tal magnitude que, em duas semanas, dois mil falsos pacientes foram declarados aptos para o combate e encaminhados de volta para Tuiuti. Levando em conta que o número total de tropas brasileiras no Paraguai era de cerca de 51 mil homens, verifica-se que os “falsos doentes” representavam quase 4% do total das forças brasileiras operando no Paraguai.

Caxias também racionaliza o número de hospitais, com a fusão dos quatro hospitais de Buenos Aires e do Uruguai em um único em Montevideú.

Sabendo que o efetivo brasileiro seria insuficiente para a continuidade das operações, Caxias nomeou o general Osorio para organizar, no Rio Grande do





Sul, o 3º Corpo, baseado principalmente em unidades de cavalaria. Osorio estava no Sul desde julho de 1866, recuperando-se de uma lesão.

Osorio teve dificuldades para recrutar os seis mil soldados necessários à constituição do 3º Corpo, devido às deserções e à falta de cooperação das lideranças políticas e da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul. Somente após levar suas reclamações ao Ministro da Guerra e consequente substituição do comandante da Guarda Nacional “gaúcha”, Osorio finalmente conseguiu reunir 5.451 homens, a maioria da cavalaria. O 3º Corpo chegou ao território paraguaio entre 13 e 19 de julho de 1867, aumentando assim as forças brasileiras, e outros 14.139 homens também foram enviados ao Teatro de Operações<sup>13</sup>.

## **REORGANIZAÇÃO DA LOGÍSTICA**

Como já mencionado, após derrotarem as forças em Curu-

paiti, os brasileiros não só desanimaram, como ficaram desorganizados. Os problemas logísticos eram de toda ordem, o que fez com que Caxias, ao assumir seu comando, suspendesse as grandes operações e se dedicasse à tarefa de reorganizar as forças, com grande destaque no apoio ao homem. O estado de saúde das tropas era deplorável. Caxias, portanto, estava determinado a melhorar as condições de saúde no campo brasileiro. Como cita Mitchel,

Não há mais medicamentos próprios para as enfermidades que geralmente acometem os homens do norte neste clima frio, e que vêm comer só carne verde. A diarreia abunda, as bexigas (varíola) continuam a fazer muito mal, os médicos para 800 doentes são cinco. O 4º Batalhão de Voluntários conta com mais de 70 doentes aqui, deixou em Santa Catarina 43 e em Montevidéu 112. São menos 225 praças deste Corpo<sup>14</sup>.

Conforme citado, muitos soldados brasileiros eram oriun-



dos do Norte e Nordeste do Brasil e, portanto, não estavam acostumados com os rigores do frio que atingia seu auge no interior do Paraguai, ou com a dieta típica dos sulistas, abundante em carne fresca (“carne verde”), com grande quantidade de gordura.

Além da já citada racionalização dos hospitais e da fiscalização sanitária, o Marquês de Caxias ordenou a redistribuição dos médicos do 1º Corpo de Exército para outras organizações. Determinou também a instalação de “ambulâncias”, que eram carroças com suprimentos médicos para os feridos em serviço nos campos de batalha. Uma ambulância central foi instalada em Tuiuti, uma em apoio ao 1º Corpo de Exército e oito em apoio ao 3º Corpo de Exército<sup>15</sup>.

Em março de 1867, uma nova doença surgiu nos campos brasileiros: o cólera. Só o 2º Corpo de Exército perdeu mil homens em dez dias.

Uma imagem terrível se abre para o Exército. Em Paso de la

Patria, em Tuiuti, no Cerrito, a cólera fez muitas vítimas. Mas o pior foi em Curuzu. [...] As perdas de 4.000 deixaram uma luz terrível em nossas fileiras. Naquela época, todas as melhores casas serviam de hospital, inclusive a do próprio comandante-em-chefe<sup>16</sup>.

Para combater essa epidemia, Caxias aceitou a sugestão do jovem general José Bernardino Bormann, que propôs a construção de quartéis de isolamento nas áreas mais afastadas do acampamento. Dos 96 pacientes recebidos sob os cuidados de Bormann, apenas quatro morreram.

A melhoria do abastecimento para as tropas foi outro elemento logístico que recebeu a atenção de Caxias. A dieta das tropas era muito variável, dependendo do pensamento dos oficiais encarregados das rações. Osorio, por exemplo, por ser gaúcho, dava prioridade à carne fresca em assados, o “churrasco”, com farinha de mandioca. Como já mencionado, essa dieta fazia mal aos soldados do Norte e do



Nordeste, acostumados a comer carne-seca (charque), ou ainda, carne de sol. Mitchel cita as rações da tropa como "um boi para 80 homens; um quintal de farinha para 50 homens; uma garrafa de licor (cachaça) para 12 homens; quatro onças de biscoitos para cada dia; duas onças de sal; duas onças de açúcar, e uma onça de tabaco"<sup>17</sup>.

Um quintal de farinha correspondia a 13,8 litros, enquanto uma onça equivalia a 28,88 gramas.

Caxias buscou oferecer uma alimentação mais variada para as tropas, de forma a atender melhor aos hábitos alimentares dos brasileiros. Foi determinado que os soldados recebessem carne-seca, alimento básico das camadas populares da sociedade brasileira, de sul a norte, e que, por não serem facilmente perecíveis, poderiam ser armazenadas e transportadas desde lugares distantes. Da mesma forma, determinou que o feijão, também alimento comum na mesa dos bra-

sileiros, fosse incluído nas rações das tropas<sup>18</sup>.

Outro elemento fundamental para a reorganização realizada foi o problema das montarias. "A maior parte da cavalaria estava em pé desde a época de Osório; os animais tinham que comer vegetação inadequada, arrancada dos campos alagados, o que os enfraquecia e os levava à morte"<sup>19</sup>. Caxias trabalhou para substituir animais de condução e carga (cavalos e muares) e para adquirir, dos comerciantes argentinos, a alto custo, forragem para os animais, especialmente milho e alfafa.

Um fator que deixou o moral das tropas baixo e que favoreceu a propagação das doenças foi a falta de higiene nos acampamentos, agravada em períodos de altas temperaturas. Isso levou à proliferação de moscas que, além de serem vetores de doenças, também se proliferavam nos alimentos. As moscas estavam presentes na carne, base da refeição, mas também no mingau feitos com farinha mofada, ou



"engasga gato", nos biscoitos e até no vinho comprado pelos soldados<sup>20</sup>.

As moscas eram tantas que dificilmente alguém conseguiria alcançar sua boca sem uma dúzia delas. A carne que algum cozinheiro clarividente colocava nos laços para "amoxamar" ficava rapidamente coberta de larvas brancas das varejeiras. Lembro-me muito bem de um sujeito que, cansado de lutar contra as moscas e desanimado com a multidão infrene, resolveu machucar no pirão ou no arroz as mais impertinentes e tragá-las<sup>21</sup>.

Mais uma vez, a ação de Caixias trouxe melhorias significativas na higiene. Foi determinado que medidas sanitárias fossem aplicadas nos campos de tal forma que, nas palavras de Dionísio Cerqueira, "entrou tudo nos eixos e era agradável percorrer os nossos arraiais varridos e limpos"<sup>22</sup>.

## **MORAL, JUSTIÇA E DISCIPLINA**

Com a derrota dos aliados em Curupaiti, houve uma grave deterioração na disciplina das tropas. Portanto, para agilizar a tramitação dos crimes cometidos na campanha, o Conselho de Justiça Militar, sediado no Rio Grande do Sul, foi transferido para o Teatro de Operações. Esse conselho funcionava como primeira e única instância de recurso das sentenças proferidas por órgãos militares, ou seja, em segunda instância, com exceção das penas de morte, que necessariamente tinham de ser aprovadas pelo Imperador.

Além das sanções decretadas pelo Conselho de Guerra, havia os castigos dos "pranchaços" sempre executados por ordem de um oficial general. Consistiam em golpes repetidos no soldado infrator com a lateral (placa) de uma espada sem fio, o que muitas vezes causava a morte dos soldados punidos. Dionísio Cerqueira relata uma situação em que dois militares foram pu-



nidos, um com mil e outro com 1.800 pranchaços. O crime foi agredir um oficial estrangeiro. Ambos foram considerados mortos; sobreviveram, porém, e após dois meses foram reintegrados no Regimento de Cerqueira<sup>23</sup>.

## **INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: O USO DE BALÕES**

Caxias tentou tornar as tropas brasileiras mais eficientes de diversas maneiras. As ações de reconhecimento foram das mais graves deficiências das forças aliadas. O terreno onde foram realizadas as ações militares no Paraguai, com o objetivo de conquistar a importante fortificação de Humaitá, era de difícil transposição, repleto de braços de rios, pântanos, brejos e terrenos alagadiços. Junto a isso, a falta de mapas e cartas da região dificultou ainda mais a progressão das tropas. Ainda segundo Doratioto,

Para a imobilidade aliada também contribuía a dificul-

dade de se penetrar no Paraguai. Este problema decorria não só da valente resistência dos soldados inimigos, mas também porque o território paraguaio era pouco conhecido, inexistindo mapas sobre ele, a ponto da guerra, “desde o começo”, ter sido feita “à apalpadelas”, conforme afirmou Caxias posteriormente.<sup>24</sup>

As características do terreno no entorno de Humaitá e Curupaiti, plano e sem pontos elevados, e a existência de vegetação que cobria as fortificações inimigas, dificultavam ainda mais a obtenção de informações<sup>25</sup>. Brasileiros e paraguaios construía torres de madeira, com dez a quinze metros de altura, os “mangrulos”, que eram capazes de proporcionar uma visão limitada das forças e instalações inimigas. Por esse motivo, Caxias toma a iniciativa de solicitar a aquisição de um balão de observação.

Para contextualizar melhor a importância dessa decisão de Caxias, cabe salientar como era o uso militar de balões na época.



Em 1867, ano em que foram utilizados balões no Paraguai, já havia alguma experiência no uso desses equipamentos na guerra. O primeiro emprego militar registrado de balões ocorreu na Batalha de *Fleurus* em 1794, para fins de observação do campo de batalha.

Mais tarde, na Guerra Civil Americana, os balões foram usados em maior escala. Em 1861, o cientista americano Thaddeus S. Lowe foi nomeado Aeronauta-Chefe do recém-criado Corpo de Balões do Exército da União (*U.S. Army Balloon Corps*). Auxiliado pelos irmãos James e Ezra Allen, Lowe usou principalmente dois balões, o *Eagle* e o *Intrepid*, que participaram da Batalha de Bull Run e da Campanha da Península em apoio ao Exército do Potomac, comandado pelo General George McLellan. Em 1863, porém, o *Balloon Corps* deixou de existir, por questões políticas e administrativas.

Conforme mencionado acima, a ausência de mapas ou cartas e topografia dificultou o re-

conhecimento das ações na região das fortalezas paraguaias de Humaitá e Curupaiti. Por isso, o Caxias optou pelo uso de balões, para romper esse impasse.

Para um líder militar que, tal como o Marquês de Caxias, teve de planejar e montar uma grande ofensiva, “a presença de um balão de observação representou um trunfo valioso na busca de informações”<sup>26</sup>.

O primeiro balão utilizado foi construído no Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro, sob a direção do aviador francês Louis Desiré Doyan. Ele levou o balão ao Teatro de Operações do Paraguai para utilizá-lo, chegando a Tuiuti em dezembro de 1866. O balão, porém, nunca foi utilizado, pois foi danificado por armazenamento inadequado.<sup>27</sup>

O Marquês de Caxias demonstrou a importância dada ao uso de balões, em carta ao Ministro da Guerra, datada de 28 de dezembro de 1866:

Corro para frequentar o VE. o balão para reconhecimento



das fortificações inimigas, quando estava quase pronto, e esperava muito que as vantagens teria com este meio ao meu dispor [...] Como reconheço o importante serviço que estas ajudas nos prestariam para o reconhecimento das fortificações inimigas, terras cobertas de florestas e lagoas, longe de observadores colocados em situações completamente planas? <sup>28</sup>

Por conta do ocorrido com o balão *Doyen*, o Ministro da Guerra, Marquês de Paranaguá, solicitou ao cônsul do Brasil em Nova York, Henrique Cavalcanti de Albuquerque, que promovesse com urgência a construção de um balão. Cavalcanti entrou em contato com o já citado professor Lowe, ex-Aeronauta-Chefe do Exército dos Estados Unidos. Por meio dele, foram adquiridos dois balões, além de equipamentos para produção de gás hidrogênio. Não lhe foi possível ir pessoalmente ao Teatro de Operações; portanto, ele enviou seus auxiliares da Guerra Civil, os irmãos James e Ezra Allen.

Partiram os irmãos Allen, junto com os balões e o restante dos equipamentos, para Nova York em março de 1867, chegando a Tuiuti em 31 de maio do mesmo ano. Não havia, em Tuiuti, o material necessário para a fabricação do hidrogênio, ou seja, ácido sulfúrico e limalha de ferro, porque esse material não havia sido enviado do Rio de Janeiro. Os irmãos Allen tiveram que aproveitar ácido sulfúrico e sucata deixada em Corrientes, na Argentina, pelo aeronauta francês Doyen. Tendo em conta esses atrasos, a primeira ascensão do balão só pôde ocorrer em 24 de junho de 1867.

Assim que os balões estavam prontos para uso, os irmãos Allen iniciaram suas ascensões. Foram trazidos dois balões dos Estados Unidos: um com doze metros de diâmetro e 37 mil pés cúbicos de volume, e outro com 8,5 metros de diâmetro e 17 mil pés cúbicos. Face às deficiências logísticas, a quantidade de ácido sulfúrico e limalha de ferro foi suficiente para produzir hidrogênio apenas



para o balão menor, que foi utilizado durante a campanha.

O Exército Brasileiro destinou quatro oficiais para exercerem as funções de observadores aéreos. Eram eles o major Francisco Cezar da Silva Amaral, o capitão Conrado Jacob Niemeyer, o capitão Antonio de Sena Madureira e o primeiro-tenente Manuel Peixoto Cursino do Amarante. Estes foram os primeiros militares brasileiros a exercer atividades aeronáuticas.

Sobre as missões realizadas, Lavanère-Wanderley relata que,

Apesar de todos os contratempos, foram vinte subidas com o balão de observação menor, o que foi utilizado; dessas vinte ascensões, doze foram realizadas durante o mês anterior ao início da ofensiva planejada por Caxias, justamente na fase em que o comandante-chefe precisava acionar a busca de informações sobre as atividades e fortificações inimigas, e sobre o terreno a ser percorrido para a “marcha de flanco”.<sup>29</sup>

A subida final do balão ocorreu em 25 de setembro de 1867, a cinco quilômetros da cidade de Tuyu-Cuê, flanco direito das forças da Tríplice Aliança, nas proximidades da Fortaleza de Humaitá. Após essa missão, o balão perdeu a flutuabilidade, sendo então esvaziado e levado para o acampamento aliado em Tuiuti.<sup>30</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todos os fatores citados, fica muito claro que, sem a ação decisiva de Caxias para tornar as tropas brasileiras mais bem preparadas para a retomada das operações, as demais ações do Exército Brasileiro seriam, em grande medida, de sucesso duvidoso ou mesmo totalmente fracassadas. Caxias não só melhorou o preparo das tropas no tocante ao material, mas, mais importante ainda, trouxe nova vida ao Exército, não apenas desorganizado, mas desmotivado, pela derrota em Curupaiti. Caxias foi o “elo” que consolidou o preparo e





a vontade de lutar das forças brasileiras atuantes no Paraguai, e acabou por levar às grandes vitórias de Dezembrada.

## BIBLIOGRAFIA

BRAZ, B.B. Os balões de observação na Guerra do Paraguai: considerações historiográficas. *Revista da UNIFA*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 31, pp. 34-46, dez. 2002.

CERQUEIRA, D. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1979.

DORATIOTO, F. *Maldita Guerra: nova história da guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DORATIOTO, F. Caxias na Guerra do Paraguai: Os críticos anos de 1866 e 1867. *DaCultura*, n. 5, a. 3, dez. 2003. Disponível em: <[http://www.funceb.org.br/imagens/revista/14\\_0p7t.pdf](http://www.funceb.org.br/imagens/revista/14_0p7t.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2016.

GONÇALVES, L.J.C. *Tática do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai entre 1866 e 1868*. Franca: UNESP, 2009.

LAVANÉRE-WANDERLEY, N.F. *História da Força Aérea Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Brasileira, 1975.

MOURA, A.P. A atuação do Corpo de Saúde do Exército na Guerra da Tríplice Aliança. *Navigator*, v. 11, n. 21, pp. 132-144 – 2015..



## NOTAS

<sup>1</sup> DORATIOTO, F. *Maldita Guerra*: nova história da guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 33.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> Ibid., p. 276.

<sup>4</sup> Ibid., p. 244.

<sup>5</sup> Ibid., p. 247.

<sup>6</sup> Ibid., p. 276.

<sup>7</sup> DORATIOTO, F. Caxias na Guerra do Paraguai: Os críticos anos de 1866 e 1867. *DaCultura*, n. 5, a. 3, dez. 2003. Disponível em: <[http://www.funceb.org.br/images/revista/14\\_0p7t.pdf](http://www.funceb.org.br/images/revista/14_0p7t.pdf)>. Acesso em: 29 set. 2016..

<sup>8</sup> CERQUEIRA, D. *Reminiscências da Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1979. p. 241.

<sup>9</sup> DORATIOTO, 2003, op.cit.

<sup>10</sup> FORJAZ apud GONÇALVES, 2009, p. 34.

<sup>11</sup> DORATIOTO, 2002, op.cit., p. 282.

<sup>12</sup> Ibid.

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> MITCHEL apud MOURA, 2015, p. 137.

<sup>15</sup> MOURA, 2015.

<sup>16</sup> JORDÃO apud MOURA, 2015, p. 141.

<sup>17</sup> MITCHEL apud MOURA, 2015, p. 137.

<sup>18</sup> CERQUEIRA, op.cit.

<sup>19</sup> DORATIOTO, 2002, op.cit., p. 281.

<sup>20</sup> Ibid.

<sup>21</sup> CERQUEIRA, op.cit., p. 105.

<sup>22</sup> Ibid., p. 176.

<sup>23</sup> Ibid.

<sup>24</sup> DORATIOTO, 2002, op.cit., p. 287.

<sup>25</sup> LAVANÉRE-WANDERLEY, N.F. *História da Força Aérea Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Brasileira, 1975.

<sup>26</sup> Ibid., p. 21.

<sup>27</sup> Ibid., 1975.

<sup>28</sup> Ibid., p. 22.

<sup>29</sup> Ibid., p. 24.

<sup>30</sup> Ibid.